

DARCY RIBEIRO

CONFISSÕES



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1997 by Fundação Darcy Ribeiro

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Jeff Fisher

Foto de capa

© Acervo FUNDAR

Preparação

Isabel Jorge Cury

Revisão

Larissa Lino Barbosa

Juliane Kaori

Índice onomástico

Victor Barbosa

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ribeiro, Darcy, 1922-1997.

Confissões / Darcy Ribeiro. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2107-6

1. Homens — Autobiografia 2. Homens — Memórias
3. Ribeiro, Darcy, 1922-1997. I. Título.

12-04663

CDD-920.71

Índice para catálogo sistemático:

1. Homens : Autobiografia 920.71

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Prólogo 11

1. MOC 13

Minha terra 13 • Eu mesmo 18 • De seus bagos vim 21 • Menino e rapaz 31 • A Revolução 38 • O grupo e o ginásio 41 • Garrote 45 • Destino 47 • Presepe 51 • Imperador do divino 54 • Almerinda 58

2. BELÔ 61

A capital 61 • A universidade 64 • Rio 67 • Comunismo 69 • Suicídio 72 • Diário de Belo Horizonte 73 • Amor 79 • A guerra 80 • Lapa grande 82 • Raul 87

3. SAMPA 104

Estação do Norte 104 • Mestres brasileiros 106 • A Escola de Sociologia 110 • Meu diário paulistano 114 • O Partidão 120 • Berta Gleiser 122 • Carreira 126

4. ÍNDIOS 132

Rondon 132 • Os povos índios 137 • Fascinação 139 • Diversidade 143 • Kadiwéu — Kaiowá — Terena — Ofaié 149 • Convivendo 156 • Kaapor 163 • Tanurú 169 • Transfiguração étnica 171 • Feitos meus 174 • Rio 178 • Viagens 183

5. EDUCAÇÃO 202

Anísio 202 • Confrontos 209 • Criação da Universidade de Brasília 214 • A universidade brasileira 227 • UnB — estrutura e funções 231 • A UnB, minha filha 235 • Ministro da Educação 243

6. GOVERNO 250

Getúlio Vargas 250 • Jango 256 • Posse e poder 261 • Ideologias 265 • A Casa Civil 274 • A Casa Militar 287 • Desafios cruciais 292 • Êxitos de Jango 301 • Guerra suja 306 • A mensagem das reformas 313 • A crise. O golpe. A queda 320

7. PRIMEIRO EXÍLIO 335

Uruguai 335 • Prisão 348

8. SEGUNDO EXÍLIO 380

Caracas 380 • Chile 385 • Peru 390 • Câncer 393

9. TERCEIRO EXÍLIO 416

10. RETORNO 422

Volta 422 • Espanto 430 • Minas 432 • Emprego 434

11. REPTOS 438

Política 438 • Fazimentos 440 • Desafios 445 • A FUNDAR e o beijódromo 448 • Central de Teleeducação e Multimídia 449 • Universidade Aberta do Brasil 450

12. SENADO 452
A Casa 452 • Projetos 454

13. ANTROPOLOGIA DA CIVILIZAÇÃO 459

14. ROMANCES 467

15. GOZOS E PROVAÇÕES 473

Vida 473 • Louvações 475 • Ética 478 • Alarme 483 •
UTI 486

16. LOUVAÇÕES E DENGOS 493

Alegrias 493 • Mulheres 499 • Amores 505 • Amigos 517

Índice onomástico 524

Sobre o autor 535

PRÓLOGO

Escrevi estas *Confissões* urgido por duas lanças. Meu medo-pânico de morrer antes de dizer a que vim. Meu medo ainda maior de que sobreviessem as dores terminais e as drogas heroicas trazendo com elas as bobearas do barato. Bobo não sabe de nada. Não se lembra de nada. Tinha que escrever ligeiro, ao correr da pena. Hoje, o medo é menor, e a aflição também. Melhorei. Vou durar mais do que pensava.

Se nada de irremediável suceder, terei tempo para revisões. Não ousou pensar que me reste vida para escrever mais um livro. Nem preciso, já escrevi livros demais. Mas admito que tirar mais suco de mim nesta porta terminal é o que quisera. Impossível?

Este livro meu, ao contrário dos outros todos, cheios de datas e precisões, é um mero reconto espontâneo. Recapitulo aqui, como me vem à cabeça, o que me sucedeu pela vida afora, desde o começo, sob o olhar de Fininha, até agora, sozinho neste mundo.

Muito relato será, talvez, equivocado em alguma coisa. Acho melhor que seja assim, para que meu retrato do que fui e sou me saia tal como me lembro. Neguei-me, por isso, a castigar o texto com revisões críticas e pesquisas. Isso é tarefa de biógrafo. Se eu tiver algum, ele que se vire, sem me querer mal por isso.

Quero muito que estas minhas *Confissões* comovam. Para isso as escrevi, dia a dia, recordando meus dias. Sem nada tirar por vexame ou mesquinhez nem nada acrescentar por tolo orgulho. Meu propósito, nesta recapitulação, era saber e sentir como é que cheguei a ser o que sou.

Quero também que sejam compreendidas. Não por todos, seria demasia; mas por aqueles poucos que viveram vidas para-

lelas e delas deram ou querem dar notícia. Nos confessamos é uns aos outros, os de nossa iguala, não aos que não tiveram nem terão vidas de viver, nem de confessar. Menos ainda aos pródigos de palavras de fineza, cortesãos.

Quero inclusive o leitor anônimo, que ainda não viveu nem deu fala. Mas tem coração que pulsa, compassado com o meu. Talvez até me ache engraçado, se alegre e ria de mim, se tiver peito. Não me quer julgar, mas entender, conviver.

Não quero mesmo é o leitor adverso, que confunde sua vida com a minha, exigindo de mim recordos amorosos e gentis, apagando os dolorosos, conforme sua pobre noção do bem e da dignidade. O preço da vida se paga é vivendo, impávido, e recordando fiel o que dela foi dor ou foi contentamento.

Termino esta minha vida exausto de viver, mas querendo mais vida, mais amor, mais saber, mais travessuras. A você que fica aí, inútil, vivendo vida insossa, só digo: “Coragem! Mais vale errar, se arrebrandando, do que poupar-se para nada. O único clamor da vida é por mais vida bem vivida. Essa é, aqui e agora, a nossa parte. Depois, seremos matéria cósmica, sem memória de virtudes ou de gozos. Apagados, minerais. Para sempre mortos”.

1. MOC

MINHA TERRA

Montes Claros, onde nasci, que nós, os de lá, gostamos de chamar carinhosamente de Moc, fica no Norte de Minas. Por muito tempo estive mais ligada à Bahia, daí que minha gente fale com sotaque baiano, dizendo *dezoitxo*, ou *muitxo*, e exiba uma alegria cantante que não é qualidade mineira.

Moc só se ligou ao Sul pela estrada de ferro que lá chegou em 1924, levada por Francisco Sá, poderoso ministro da Viação de Artur Bernardes. Como ponta de linha, por muitas décadas se tornou um empório de comércio regional, estação de embarque de gado gordo para os matadouros e de mineiros magros para serem baianos em São Paulo. Como eu.

Converteu-se, também, por virtude do comércio concentrador de gentes, no maior puteiro de Minas. Célebre por suas putas lindas e prendadas, como Maria da Chupeta, que todo mundo gabava. E a saborosa Manga Rosa, gordíssima e branquíssima, que por essas qualidades nos encantava.

Montes Claros de eu menino se orgulhava de ter mais de 20 mil habitantes. Cresceu tanto que supera agora os 200 mil. Coitada. Daqueles vinte, um quarto vive no casco da cidade. O restante nos arredores: Roxo Verde, Cintra e outros. A cidade antiga expandiu-se tanto que esgarçou. Não sobrou nenhum dos prédios mais velhos. Apenas uns sobradões e a catedral velha lembram a antiga grandeza.

Quando vou lá fecho os olhos da cara e abro os da memória para ver minha cidade tal qual era. Montes Claros só existe de fato dentro de mim, como coisa pensada. No meu tempo, era um casario baixo, caiado, sobre ruas empedradas em pé de moleque que só se prestavam bem a pés descalços. Os elegantes,

por dever social, andavam calçados, se equilibrando. As mulheres cambaleavam em sapatos altos. Uma acrobacia. Mas era tudo plano, tanto que nós, meninos, gostávamos de correr pelo rego da rua com os olhos no céu para ter a ilusão de que a Lua é que corria. Lindo.

A cidade era uma ilha de verdor pela quantidade enorme de árvores frondosíssimas dos quintais: mangueiras, jaqueiras, pitombeiras, jatobazeiros, cajueiros, birosqueiras e muitas mais. Desapareceram em loteamentos dos terreiros para edificar novas casas e, depois, com a abertura de garagens. Lembro-me de umas quantas árvores, enormíssimas, que conheci pessoalmente, inclusive três palmeiras imperiais e um solitário eucalipto. Todas se foram.

O que transitava nas ruas eram tropas de burros, às vezes vindas de muito longe com seus “cometas” lusitanos, que traziam mercadorias para o comércio e procuravam noivas ricas em terras e bens. Dois deles se casaram em minha família, entre os Ribeiro, naturalmente.

Rodavam também, nas ruas, rangentes, grandes carros de bois puxados às vezes por três ou quatro juntas. Carregavam lenha para vender nas casas e porcos gordos que vinham das fazendas por encomenda. Dizia-se que o melhor negócio do mundo era safra de milho ensacada em porcos.

Minha família comprava um por mês. Sua chegada era dia de festa. Para sangrar, ouvindo sua berraria, aparando o sangue e depois carneando. Para tirar as tripas, que nós meninos levávamos para o fundo do quintal para esvaziar e lavar. Era um gozo meter a mão naquela merda gorda que jogávamos uns nos outros. A alegria maior era das galinhas, que se assanhavam e vinham enfeixadas como doidas querendo comer aquele pitéu. Para carnear retirando e salgando quase inteiro o toucinho com o couro. Para juntar a banha, escaldá-la, a fim de preservar pedaços de carne frita botados dentro. Para passar a tarde enchendo braçadas de linguiça com carne cortada aos pedacinhos e bem temperada com sal, pimenta e muitos cheiros. Uma alegria.

Minha casa, dos Silveira, tinha jardinzinhos laterais de flores e temperos e, passando um portão, uma quantidade de árvores enormes. Boas para subir, pular, brincar de Tarzã e cair. E às vezes machucar. A casa tinha uma parte nobre com assoalho de largas tábuas laváveis, onde ficavam a sala de receber visitas, sempre muito arrumada, o cartório de meu avô, aberto em quatro portas para a rua, e os quartos mais nobres, com um quartão de tomar banho em grandes bacias.

Depois se ia para uma sala íntima, uma sala de almoço e a cozinha. Esta tinha um janelão formidável. As dobradiças eram pregadas pelo lado de baixo, o que permitia abrir-se sobre um toco, na forma de uma grande mesa de cozinha. Dali se ia à cisterna retirar água com balde dependurado numa corda, que se enrolava num eixo de manivela bem lavrado e perigoso quando se largava com a lata d'água cheia. Quase quebrou meu braço. Para além ficava o quarto das criadas. Externamente havia uma outra puxada, que era o quarto dos rapazes da casa, com acesso livre para a rua.

No quintal lateral ficava o quarador de lavar roupas e secá-las em aramados. Um deles, bem pequeno, me fascinava, porque secava toalhinhas minúsculas, fofas e felpudas, que eu era proibido de tocar. Foi naquele canto que meus tios montaram, quando eu tinha já uns sete anos, a maravilha da casa. Um arranjo para suspender uma lata d'água fria ou morna que escorria por um chuveiro. Maravilha.

No fundo do quintal ficava um buraco fundo e fétido que tinha em cima um quadrado de madeira com buraco no meio para a gente se agachar e despejar. O luxo, invejado, era um arame grosso onde ficavam, devidamente recortadas, páginas do *Diário de Minas*, que minha mãe recebia na qualidade de professora pública. Só publicava atos oficiais, mas na segunda página pretendia fazer-se literário, trazendo textos que às vezes se conseguia ler e telegramas de congratulações ao governador. Quem não tinha jornal usava palha de milho e sabugo.

O motor que realmente movia as casas eram as criadas. Meninas trazidas das fazendas que lá cresciam encarregadas de

todo o serviço: cozinhar, lavar, passar, varrer. Não tinham salário. Ganhavam restos de roupas e sapatos. O pior é que não tinham nenhum contato externo, o que as impedia de namorar e casar. Envelheciam e morriam no serviço, aparentemente muito queridas como pessoas da família, mas de fato escravas vitalícias. A mais antiga lá de casa, Dóia, morreu de velha. A mais nova, Maria, já nos tempos de mamãe, conseguiu concluir o curso primário. Pediu licença então para ser freira. Lá no convento arreprou carreira, arranjou marido e casou.

O crescimento espantoso de Montes Claros invadiu sítios dos arredores que, loteados, enriqueceram mais gente que o trabalho nas fazendas e nas lojas. O herói desse negócio é meu primo Roberto, dono de mais de mil lotes, que negocia com argúcia e lucro. Tanto que é o único parente meu que usa um carrão do ano. Seu raciocínio é primoroso: “Esse negócio de lote tem suas manhas. Só vendo um lote quando já tenho um outro em vista para comprar, melhor e mais barato. Senão, não! É preciso manter o estoque e só gastar o rendimento”.

Uma das coisas mais preciosas da cidade era a farmácia de Mário Veloso. Sobretudo o salão de dentro, onde faziam aviamento de receitas, misturando essências, tinturas, xaropes e porcarias muito fétidas, mas boas de curar doenças feias. O espetáculo melhor era aos sábados, quando o povo da roça que vinha à feira ia dar lá para pedir remédios para o estupor, entalo, nó nas tripas, espinhela caída, papo simples ou de bolas, engasgo, quebranto, verrugas, erisipela e outras desgraças. Para tudo seu Mário tinha remédio.

As feiras de Moc eram meu encantamento. Sobretudo aos sábados, com a animada feira em que milhares de matutos traziam do mato as frutas silvestres: pequis, bacuparis, panãs, jatobás, araçás, cagaitas, jenipapos, jabuticabas, cajus; os frutos de suas roças: milho comum e de pipoca, feijões-de-corda e outros, mangaritos, que são batatas maravilhosas, batatas mesmo, comuns e doces, mandiocas, abóboras e morangas. Ótimas também eram suas ofertas de queijos, requeijões, fubás e fari-

nhas diversas, palmito doce e amargo, amendoim, doce de buriti, doce de leite em palha de milho, doce de coalhada, rapaduras, santantônios e melados.

A feira se extravasava para a frente e para o fundo do mercado, onde as mercadorias eram mostradas dentro das bruacas, ao lado dos burros que as trouxeram. E durava o dia inteiro. Tinha quarteirões marcados, como o dos violeiros e cantadores, onde sempre havia desafios em versos. O das oleiras, com seus potes, panelas, pratos e esculturas de brincadeira. O dos curandeiros, oferecendo folhas de lorna, mastruço, sabugueiro, babosa, manjerição, funcho, jurubeba, coentro, alfazema, alecrim e pimentas verdes, maduras e secas. Lá também vendiam a cebola cigantina, que é uma delícia, óleo de pequi e outras maravilhas. Ainda hoje não resisto ver uma feira sem atravessá-la de vendas abertas, procurando as velhas ofertas do mercado de Moc.

A vida era pacata, no mundo em que tudo acontecia devagar. Afora as eleições, em que o povo se agitava, e as revoluções, que foram uma só, tudo corria nos eixos. O povo apaixonadamente dividido em partidos, recheados de ódio e ciúme local, mas ambos governistas, tanto que mais tarde se resumiram a dois, o PSD autêntico e o PSD ortodoxo.

O que tinha presença para mim na Moc da minha infância era a gente ativa e trabalhadeira como minha mãe e seus irmãos, um casal de homens casados que eram os principais alfaiates da cidade, dois barbeiros, um tocador de bandolim, os donos das lojas. A gente rica mesmo, e mandona, como os meus tios Ribeiro, nem sequer se deixavam ver. O que se encontrava como gente passadeira de pitos era uma resma de velhos carecas que não morriam eu não sabia por quê. Seu Catão, do grupo, seu Polidoro, meu professor de português, João Câmara, fazendeirão magrão de doer, seu Antônio dos Anjos, que sabia latim, e outros. Isso era a natinha, posta em cima do povo do fundo que se via nas feiras e nos quintais das casas.

Com o progresso, as ruas da cidade se modernizaram — francamente iluminadas, com as praças ajardinadas, tudo bo-

nito. Feio, apesar de necessário, foi matar o lindo rio Verde Pequeno, de água salobrosa, mas bom para tomar banho e pegar xistosa. Dois coleguinhas meus morreram disso. Gostava demais daqueles banhos, de ver as piabinhas piabando e as itãs maravilhosas, que não gostavam de se abrir. Eram tantíssimas que um espanhol empreendedor decidiu fazer delas uma fábrica de botões de madrepérola para camisa de homem. Faliu. Um prefeito converteu meu riozinho num rego de portar bosta. Mas aos lados abriu uma avenida colossal que permitiu criar uma terceira cidade. Agora é Montes Claros de cima, Montes Claros de baixo e Montes Claros do lado de lá do rego do Toninho.

Quando voltei a Moc, em 1950, fui contido pelo choro de mamãe para não brigar com o novo bispo da cidade, dom Antônio de não sei o quê. O bandido, doidão e desvairado por dinheiro, pressionou tanto o prefeito e os vereadores que conseguiu autorização dos idiotas para um crime: lotear o cemitério secular da cidade. Nada menos. Cada família que tinha enterrados ali seus avós teve de desenterrar os ossos deles e reenterrá-los no cemitério de dom Antônio, fora da cidade, pagando caro um novo carneiro perpétuo. O amplo cemitério antigo do centro da cidade, ao lado da nova catedral, foi loteado para casas de putas, porque para nenhuma outra coisa servia.

EU MESMO

Que é um menino que acaba de nascer, afrontado, arroxado, chorando aos berros, agarrado pelos pés e suspenso no ar pelo médico? Que médico? No Cedro, onde nasci, não tinha nenhum. Tinha é uma mulata parteira, gorda, madurona, comadre de todo mundo. Dava bênção a cada menino que passava. A mim também.

Lá ia ela suspender ninguém pelos pés, como se tivesse pondo no mundo um acrobata? Qual! Incapaz! Ela deve é ter

me lavado com água de cheiro, morna, tratado com carinho meu umbigo intumescido, me enrolado em panos relavados por mamãe e me posto ali. Ali, onde? Quem me terá dado de mamar pela primeira vez? Sei lá!

Dói pensar naquela bolinha de gente, amarfanhada, banguela, careca, que eu era, saindo do ventre de mamãe. Perdi ali, então, o oco quentinho que, em vão, ando procurando pelo mundo. Expulso de lá, caí na vida.

Nascido, só tinha olhos para sofrer as doidas luzes da clari-
dade. Ouvidos, para me espantar com os ruídos cá de fora. Aflito, buscaria, saudosos, o ritmo perdido das badaladas do coração materno. Algum medo teria de que me ressurgissem os roncões intestinais de mamãe que eu ouvia no oco.

Meu corpo inteiro armado de tato apalparia, em vertigem, o vazio abismal em que caí. E o faro? Creio que meu susto maior ao me ver cá fora terá sido com a fedentina deste mundo. Aromas, ali ao meu redor, não imagino nenhum.

Onde ficou meu cáldo nicho? Agitando braços e pernas como um inseto virado de patas pro ar, eu piscava, tossia, chorava. Vivía, afinal, meu destino de ser autônomo, condenado à solidão de uma existência própria, desgarrada.

A paz, meia paz, me veio quando alguém, substituindo mamãe, afundou minha cara no travesseiro de carne, que eram seus peitos. Sobretudo quando minha boca sôfrega achou a fonte prodigiosa da seiva da vida. Ali me fiz a mim mesmo, chupando, mordendo, mamando, engolindo, regurgitando. Faria alguma diferença o fato de que eu não mamava em minha mãe? Qual! Parando, por instantes, de sugar, eu ouviria, ao longe, o tambor do coração daquela mãe postiça, minha mãe de leite, batendo tranqüilidade.

A paz inteira veio com o primeiro sono. Mergulhado em mim, me devolvi inteiro, por horas, ao nicho de carnes que nunca me consolei de perder. Até hoje nesse mergulho, sonhando, é que levo minha existência aspirada. Consolando muita dor de viver, revivendo alegrias da vida. Às vezes, também, dela me apavorando, até no sonho.

Ali estava eu me sendo. Era nada ainda, e estava completo, armado de todas as potencialidades para me fazer gente humana, de gênero masculino.

“Oh! Que beleza de menino: um rapagão!”, alguém terá dito, me olhando. Mas dito a quem? Minha avó Mariazinha, talvez!

Dotado da liberdade de ser qualquer coisa, de papa a mo-torneiro, esse foi o capital com que vim ao mundo. Condenado a sê-lo carnalmente da única forma genuína: vivendo, crescendo, mudando. E permanecendo eu mesmo, ao longo de todas as mudanças. Recém-nascido estava eu ali pronto para exercer-me em mil papéis.

Antes daqueles escassos três quilos de matéria organizada, eu menino, saído da minha mãe, fui simples óvulo, minúsculo ovo. Já então eu portava em mim, nas instruções detalhadíssimas que mamãe e papai, insensatos, me impuseram, confluindo alhures, o capital genético de suas gentes tão contrastadas. Nas-cemos enciclopédias vivas de sabedoria que prescreve e obriga a forma precisa do nariz, a cor dos olhos, a textura do cabelo, a capacidade de ser infeliz, o riso, a distribuição dos pelos pelo corpo, gestos ancestrais reconhecíveis, ojerizas patentes de mi-nha gente paterna, espantos de viver de meu clã materno.

A vida minha que devo — devemos: eu e você — a um ato de amor papai-mamãe — dos meus, dos seus, em separado, é claro —, eu venho, desde então, gastando, desgastando, per-dendo. Você também.

Um impulso germinal é o que há de mais prodigioso. É explosivo. Saltamos em nove meses de óvulo a gente num cres-cimento sem paralelo. Felizmente, com o nascimento desacele-ramos. Nos vinte anos seguintes de criança, a moça ou rapaz, acabamos de crescer lentamente, e nos outros tantos vinte anos, de jovem a homem-feito ou mulher errada, completamos nosso fazimento. Começa então a decadência. Primeiro em ritmo lento, depois meio acelerado; ao final, às carreiras.

Assim cheguei a essas mãos enrugadas e encardidas, atra-ressadas de veias grossas azuis, pulsantes, que vejo escrevendo este romance. Romance da vida, da minha vida, da sua vida,

que é tão só o desdobramento de algumas daquelas potencialidades com que nascemos. Simultâneo com o estreitamento e anulação das outras todas.

Chegada a hora, eu viria a ser não o médico que tanto supus e quis, mas o escritor que jamais cogitei. Ainda estou aprendendo a me ser, eu mesmo, comigo: Migo, nas pautas variadas em que estou sempre me sendo e me mudando. Assim será fatalmente, até que não mais seja nem esteja. O certo é que sairei sofrido, com o sentimento fundo de estar deixando o mundo desconsolado para sempre da orfandade de perder-me.

DE SEUS BAGOS VIM

Nasci de Fininha e de seu Naldo. Fui seu segundo filho. O primeiro, Dirceu, morreu de sarampo aos três anos. O terceiro, Mário, anda por aí. É o melhor irmão do mundo. Encontrei nos guardados de mamãe a primeira carta que ela recebeu de meu pai.

Montes Claros, 24 de outubro de 1920

Exma. Sra. D. Fininha Silveira

Cumprimento-a respeitosamente.

Permita-me que comece esta pedindo-lhe desculpas pela grande ousadia que tenho neste momento em escrever-lhe, mas é que mesmo indirectamente és a causa principal da dúvida e da incerteza que paira em meu espírito. Embora nunca tenhamos fallado sobre amor, é certo que entre nós, ou pelo menos da minha parte, existe para com a Sra. uma verdadeira *sympathia*, e como consigo não sei se dar-se-á o mesmo, venho pedir-lhe para que em termos *claros e precisos* se deffina a meu respeito. Pensa a Sra. em casar-se comigo?... E se pensa assim, é unicamente amizade e afeição que lhe faz pensar desta maneira?... Perdoe, D. Fininha, que lhe faça estas perguntas, mas é que a incerteza em que tenho vivido até agora não pode continuar, por isto espero e conto certo que me responderás [...].